Capítulo 52

Brasil: o domínio espanhol e as invasões estrangeiras (1580 - 1640)

Na Monarquia Absoluta, o poder é exercido por uma pessoa, rei ou imperador. Quando ele morre, o trono passa ao herdeiro mais imediato. Em 1578, governava Portugal o jovem rei Dom Sebastião. Sua maior preocupação era combater os árabes no norte da África, para se fazer conhecido como o mais valoroso perseguidor de infiéis. À frente de 18 000 homens, partiu para a África, numa aventura que muitos consideraram absurda. Os árabes esmagaram seu exército e lhe tiraram a vida. Como não tinha filhos, foi aclamado rei de Portugal seu tio-avô e herdeiro mais imediato, o cardeal Dom Henrique.

1. Filipe II, da Espanha, apodera-se de Portugal

A morte de D. Henrique, no começo de 1580, provocou muita disputa entre vários pretendentes ao trono. Por força de palavras, armas e dinheiro, Filipe II, rei da Espanha e tio de Dom Sebastião, acabou aclamado rei de Portugal e tentou realizar seu sonho de *União Peninsular*. Na verdade, fazia tempo que Filipe II via na anexação de Portugal uma necessidade econômica, geopolítica e mesmo religiosa.

A união entre os dois reinos que formavam a Península Ibérica facilitaria a superação de uma série de *dificuldades econômicas* pelas quais a Espanha passava; cimentaria uma ligação comercial já existente, especialmente no tráfico de escravos para a América; ia de encontro aos interesses da burguesia de Portugal, mais bem aparelhado no setor do transporte marítimo: ela extrairia mais lucros ainda, sobretudo no comércio colonial.

Em termos de *geopolítica*, Portugal se constituía num desafio ao ideal de união ibérica, pois havia escapado sempre ao forte processo de aglutinação dos reinos cristãos da península. A Espanha deixaria também de realizar feitos apenas na esfera do Mediterrâneo; passaria a ter maior participação no Atlântico, em que Portugal era pioneiro.

No campo da *religião*, Filipe II assumiu a defesa total da fé católica, ainda que lhe custasse a perda do domínio sobre os Países Baixos, entre eles a Holanda, nos quais a burguesia havia aderido à Reforma Protestante. A união com Portugal, apoiada pela Companhia de Jesus, fortaleceria o império cristão e daria novo impulso à expansão da fé católica.

No campo da *colonização* e da *conquista* do interior do Brasil, os sessenta anos de domínio espanhol coincidiram com uma série de inovações, embora não se saiba até que ponto elas refletiram uma política deliberada de Filipe II e seus sucessores:

- bandeiras cortaram o sertão em todas as direções, em busca de escravos e ouro, expandindo o território;
- conquistou-se o litoral do Norte e Nordeste, com expulsão dos franceses;
- expandiu-se a criação de gado, trazendo a ocupação de novas terras;
- em conseqüência, em parte, da rivalidade entre Espanha e Holanda, criou-se no Nordeste uma colônia holandesa.

O domínio espanhol terminou em 1640, com a *restauração* da monarquia portuguesa.

2. A conquista do litoral norte-nordeste

A conquista do litoral do Norte e do Nordeste resultou de sucessivas vitórias contra os franceses, que exploravam o comércio de madeira, peles e outros produtos, apoiados na ótima relação mantida com os indígenas. Os franceses vinham insistindo em ocupar e explorar o Brasil desde o início, contrabandeando o pau-brasil; e, entre 1555 e 1567, estabeleceram-se no Rio de Janeiro, onde fundaram a França Antártica.

A vitória sobre os franceses na Paraíba em 1584 só foi possível graças a dois fatores: a colaboração entre portugueses e espanhóis; a desagregação que os portugueses provocaram entre os indígenas, associando-se a um dos grupos que vinham apoiando os franceses. Estes tentaram ocupar outras regiões, mas foram derrotados sucessivamente: Sergipe (1590), Rio Grande do Norte (1599), Ceará (1603) e Maranhão (1615). A

investida mais séria ocorreu no Maranhão, onde os franceses tentaram reeditar a fracassada experiência do Rio de Janeiro, fundando a *França Equinocial*. A vitória aqui coincidiu com a aliança entre França e Espanha, através do casamento do rei francês Luís XIII com a filha do rei espanhol Filipe III, o que nos faz pensar que tenha havido acordo entre os dois monarcas para a retirada dos franceses.

Conquistado o Pará em 1616, encerrou-se a aventura francesa, depois de um século de resistência. Houve ainda tentativas de invadir o Rio de Janeiro no início do século XVIII. Mas, em seguida, os franceses desistiram do Brasil e estabeleceram-se ao norte, na região que ficou conhecida como Guiana Francesa.

3. A invasão holandesa

Após rápida e frustrada tentativa de se estabelecer na Bahia em 1624 e 1625, a Holanda ocupou com sucesso a capitania de Pernambuco. A partir desta base, os holandeses estenderam seu domínio sobre grande parte do litoral nordestino, onde permaneceram de 1630 a 1654.

Os holandeses participavam da exploração do açúcar desde o início da colonização, financiando a instalação dos engenhos e funcionando como intermediários entre Portugal e os mercados europeus. Assim, ficavam com a maior parte dos lucros.

A partir das duas últimas décadas do século XVI, a fonte começou a secar, por duas razões interligadas: a união de Portugal e Espanha fez com que esta dominasse o Brasil por sessenta anos; o fim do domínio espanhol sobre os Países Baixos (hoje Holanda) provocou sangrenta guerra entre os dois países.

A Espanha passou a dificultar o acesso dos holandeses ao açúcar brasileiro. A Holanda tentou apoderar-se das regiões produtoras do Nordeste brasileiro, o que acabou conseguindo em 1630. Passaria então não só a dominar o comércio como também a produção.

Os holandeses chegaram a enfrentar alguma resistência, liderada por Matias de Albuquerque, comandante militar da capitania de Pernambuco. Os senhores de engenho logo abandonaram a luta, já que lhes interessava vender açúcar, o que poderiam muito bem fazer sob domínio holandês. A administração da colônia holandesa estava a cargo da WIC, a Companhia das Índias Ocidentais, fundada em 1621 e, junto com a Companhia das Índias Orientais, encarregada de extrair lucros da África Oriental e da Ásia.

Para conquistar os senhores de engenho, a WIC propôs paz e empréstimos para à reconstrução de suas propriedades. Em 1637, a WIC nomeou o conde Maurício de Nassau governador de suas terras no Brasil. Nassau trouxe artistas e cientistas. Os naturalistas estudaram pela primeira vez nossa natureza; pintores, como Franz Post, reproduziram as paisagens; arquitetos, como Pieter Post, urbanizaram o Recife. Nassau mandou construir pontes e obras sanitárias, deu garantia às religiões e obrigou os fazendeiros a cultivar mandioca, principal alimento dos escravos.

Fim do domínio holandês

Em 1640, Portugal recuperou a independência, separando-se da Espanha. O novo governo português assinou trégua com os holandeses, mas estes não respeitaram: conquistaram São Tomé e Angola, na África, e passaram a controlar o comércio de escravos. Portugal então decidiu apoiar a luta para expulsar os holandeses do Brasil, que já havia começado.

Vários fatores levaram os senhores de engenho a romper a paz com os invasores holandeses. O principal foi a nova política da WIC, que em 1642 passou a obrigar os senhores de engenho a aumentar a produção; cobrou dívidas atrasadas e confiscou terras de quem não pagou; aumentou os impostos; proibiu católicos de pagar o dízimo aos padres. A WIC precisava de dinheiro para a Guerra dos Trinta Anos, conflito político-religioso que abalou a Europa entre 1618 e 1648. Por ser contra as medidas, Nassau foi demitido.

Na luta contra os holandeses, uniram-se senhores de engenho comandados por um amigo de Nassau, João Fernandes Vieira; escravos negros chefiados por Henrique Dias; e índios comandados por Filipe Camarão. A supremacia brasileira ficou clara nas duas batalhas de Guararapes (1648 e 1649), mas os invasores só deixaram o Brasil em 1654. Os holandeses montariam sua própria produção de açúcar nas Antilhas, com técnica aperfeiçoada, provocando crise e decadência na produção brasileira.

4. Administração e economia

Filipe II, aclamado rei de Espanha e Portugal, manteve a organização administrativa do reino português e de suas colônias. Pretendia evitar reações contra a unificação dos dois reinos. Em 1621, as terras da colônia foram agrupadas em dois Estados: *Maranhão*, capital São Luís; e *Brasil*, capital Salvador. Os dois governadores estavam subordinados à metrópole. Na prática, havia duas colônias.

As Câmaras Municipais recusavam submeter-se aos governadores. A economia, baseada na *lavoura canavieira*, expandia-se. De Pernambuco, sempre na faixa costeira, a colonização estendeu-se para o norte, até o Rio Grande do Norte, e para o sul, rumo a Alagoas, onde já havia engenhos no fim do século XVI. Mas foi na Bahia que se desenvolveu o maior centro produtor de cana-de-açúcar.

A rápida expansão fez do Brasil o maior produtor mundial até meados do século XVII. Mas os lucros dos engenhos eram baixos, pois quem ficava com a maior parte eram os intermediários. Veja este quadro de preços por arroba de açúcar:

PRAÇA	PREÇO
Brasil	*625 réis*
Portugal	*1 210 réis*
Londres	*1 610 réis*
Restante da Europa	*1 800 réis*

Essa diferença de preços, a concorrência do açúcar antilhano e a do açúcar de beterraba contribuíram para a decadência da indústria açucareira do Brasil, a partir da segunda metade do século XVII. Outro produto, embora inferior ao açúcar, começou a ser cultivado: o *tabaco*. O principal centro produtor era o *Recôncavo Baiano*. Além de bem aceito na Europa, era usado como moeda no tráfico de escravos, pois tinha grande valor nas costas africanas.

5. A subsistência da população

Atividades acessórias desenvolveram-se na colônia, com vistas à subsistência dos trabalhadores e, portanto, ao funcionamento da economia de exportação (açúcar e tabaco). Camponeses e suas famílias de mestiços e índios aculturados praticavam essa incipiente agricultura, em pequenas propriedades: *mandioca*, *milho*, *arroz* e *feijão*.

O papel secundário atribuído à cultura de subsistência sempre trouxe problemas alimentares à população colonial e, muitas vezes, a fome. Para os senhores de engenho, apesar da insistência das autoridades, a produção de alimentos não interessava, pois podiam pagar o preço que fosse, contanto que assegurassem todos os recursos à cana. Assim, eles detinham a melhor parte das terras aproveitáveis, de modo que o problema da alimentação nunca se resolvia satisfatoriamente. Com exceção das classes abastadas, a população colonial, com mais gravidade na zona urbana, viveria sempre em crônico estado de subnutrição.

Questões propostas

1. Como foi possível à Espanha estabelecer seu domínio sobre Portugal e suas colônias?

2. Por que Filipe II da Espanha achava necessário anexar Portugal? Resuma as razões econômicas, geopolíticas e religiosas.

3. Como os portugueses conquistaram o litoral norte-nordeste do Brasil?

4. Por que os holandeses invadiram o Brasil e que região ocuparam?

5. Por que os senhores de engenho resolveram participar da luta contra os holandeses?

6. Por que os produtores de açúcar brasileiros não tinham grandes lucros?

7. Que relação havia entre a produção de tabaco e o tráfico negreiro?

8. Que importância davam os senhores de engenho à cultura de subsistência? Quais as conseqüências de sua atitude no caso?